

A atenção pessoal aos bebês e às crianças bem pequenas nos Centros de Educação Infantil: contribuições da Abordagem Emmi Pikler

Anita Viudes Carrasco de Freitas*

Este texto tem como proposta contribuir com as reflexões sobre as práticas cotidianas de cuidados nos Centros de Educação Infantil, com base no diálogo com a abordagem desenvolvida pela Dra. Emmi Pikler, também conhecida por Abordagem/Experiência de Lóczy. Para isso, tomam-se como referência os seus princípios orientadores para discutir a importância da atenção pessoal e o papel do adulto nos cuidados com os bebês e as crianças pequenas.

Palavras-chave: atenção pessoal; cuidados; creche; professores de bebês.

Hoje, no Brasil, é uma realidade constatar o número significativo de crianças, desde muito pequenas, que vivencia práticas de cuidado e educação de forma compartilhada entre sua família e outros adultos, entre o ambiente privado familiar e os espaços públicos das instituições de Educação Infantil.

Esse fenômeno, relativamente recente, reflete as mudanças, ocorridas nas duas últimas décadas, na forma de atendimento às crianças em creches. O acesso à creche como direito da mãe trabalhadora é substituído pela ideia do direito de todas as crianças a uma educação de qualidade de forma a garantir o seu bem-estar e o seu desenvolvimento pleno.

Dentro dessa concepção, busca-se superar o estigma da filantropia e do assistencialismo ligado à creche e do cuidado como uma atividade meramente ligada ao corpo, na perspectiva da consolidação de uma proposta educativa de qualidade que atenda as necessidades e especificidades dos bebês e das crianças pequenas.

A mudança traz avanços, mas também desafios relacionados às concepções de educação de crianças em espaços coletivos, em especial, aquelas que orientam as práticas de cuidados e de atenção voltadas aos mais novos. Para contribuir com o

* Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com aperfeiçoamento em Contextos Integrados de Educação Infantil pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Professora do Instituto Sumaré de Educação Superior (Ises). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação. Atua principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil, Práticas Educativas, Formação de professores.

debate, este texto se propõe a refletir sobre a importância de se constituir um ambiente educativo pautado na atenção e na valorização da relação afetiva entre a criança e o adulto. Nesse sentido, toma como referência a Abordagem de Emmi Pikler, particularmente os aspectos que evidenciam a dimensão profunda que assume o cuidado empático no trabalho educativo.

Ao longo de várias décadas de experiência como pediatra e diretora de uma instituição que acolhia crianças em situação de abandono, em Budapeste/Hungria, Emmi Pikler (1902-1984) desenvolveu e consolidou sua proposta de cuidados, atualmente reconhecida em vários países do mundo.

Apoiada em princípios que valorizam a atividade autônoma da criança, a relação afetiva privilegiada, a consciência de si mesma e do seu entorno, além de um bom estado de saúde física e de bem estar corporal, essa abordagem mostra que não se pode desconhecer a importância das primeiras experiências de vida que ocorrem durante o cuidado cotidiano, sejam elas nos momentos da alimentação, do banho, da troca de fraldas ou de roupa. Segundo Pikler, é durante essas atividades de cuidado, quando o bebê ou a criança bem pequena tem a oportunidade de estar só com um adulto disponível e pronto para dar uma atenção diferenciada e completa a ela, que se estabelecem as bases para a construção de uma relação harmoniosa e recíproca. São esses momentos, globais e profundos, que colocam em relação o mundo interno e externo, proporcionando à criança a tomada de consciência de si e do outro.

Assim, Emmi Pikler destacou a importância da atenção pessoal e desenvolveu um modo de cuidar e atender as crianças pequenas que possibilitava o estabelecimento de vínculos cálidos entre estas e suas cuidadoras¹ (professoras). Ao dar especial atenção às crianças nos momentos dos cuidados pessoais, as cuidadoras oferecem respostas às necessidades individuais e particulares de cada uma delas, resultando em um compartilhamento íntimo e profundo entre ambas.

¹ O texto mantém a expressão “cuidadora” comumente encontrada nos textos de Emmi Pikler. No Brasil, há um movimento de construção da identidade do professor ou da professora de bebês e de crianças bem pequenas, apesar de ainda existirem profissionais com denominações diferentes encarregadas da sua educação e cuidado nas creches e centros de educação infantil.

Para a autora, são nesses momentos de relação intensa entre a pessoa adulta e a criança que ambas se nutrem afetivamente, contribuindo para a constituição de um ambiente saudável, seguro e estável que permite ao pequeno explorar, brincar, conhecer e conhecer-se. Na interação, o bebê aprende sobre si e sobre o outro, constrói a sua identidade e, nesse processo, torna-se cada vez mais independente e autônomo.

Nesse sentido, a pessoa adulta com quem a criança se relaciona, assume um papel fundamental. Durante o processo de formação, pautado na observação e na reflexão, as profissionais aprendem sobre a importância do contato físico e afetivo nos momentos de cuidado pessoal. Entretanto, aprendem também que não é a presença constante e insistente – muitas vezes inquisitiva, sufocante ou mesmo opressora – que garante a qualidade das relações. É a presença comprometida e respeitosa que dá segurança e encoraja o bebê ou a criança pequena a explorar o ambiente, a participar e responder a solicitação de um adulto atento às suas necessidades e singularidades. Esta relação de reciprocidade e confiança mútua sinaliza ao adulto a não necessidade de sua intervenção direta. A postura de não intervir, no entanto, não exclui as trocas de olhares, o apoio verbal, assim como o compartilhamento de uma situação ou de um momento de alegria. É uma presença respeitosa e afetiva que reconhece também a importância da criança estar só.

Adotar essa postura durante o desenvolvimento das práticas de cuidado cotidianas não é nada fácil para o adulto. Ela implica assumir uma concepção de criança muito clara, tal como defendia Emmi Pikler. O reconhecimento de que as crianças, desde o nascimento, são sujeitos ativos, potentes e competentes, que aprendem observando, tocando e experimentando, supera a visão, por anos predominante, que definia os bebês como seres passivos, frágeis e incapazes e que acabava por orientar práticas de cuidado rotineiras, frias e impessoais, as quais de alguma forma afetavam o desenvolvimento pleno e saudável da personalidade do sujeito.

As ideias de Pikler, portanto, rompem com esse paradigma e se apoiam na compreensão e na crença na capacidade da criança de atuar sobre o seu meio, de

participar e de colaborar ativamente nos diferentes momentos de cuidado, colocando-a como parceira do adulto e protagonista do seu processo de desenvolvimento.

Da mesma forma, suas ideias desafiam a profissional a desenvolver uma observação sensível e atenta sobre quem é e o que faz a criança, reconhecendo que cada gesto do adulto (a mão que a acaricia e a segura, o modo de olhar e a antecipação a cada contato) a toca profundamente. Assim, conhecê-la, perceber as situações ou os gestos que lhe dá prazer ou a deixa mais confortável nos momentos de cuidado, envolver-se em diálogo, implica alto nível de comprometimento, de conhecimento e desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, há que se atentar contra a tentação de adotar ou negar essas práticas de atenção pessoal defendidas por Pikler, de forma superficial ou intempestiva, nem fazer transposições precipitadas, conforme alertaram Myriam David e Geneviève Appell (2010).

Para além de um “método” – uma vez que qualquer “modelo” sem questionamento e reflexão crítica, sem mudança de atitude e de concepção, não vai além de mera reprodução – a experiência de Emmi Pikler traz referências que permitem identificar, refletir e aprofundar o conhecimento sobre as boas práticas encontradas nos espaços de educação infantil. Da mesma forma, permitem problematizar as práticas de cuidados mecânicas, espontâneas ou de estimulação precoce, de modo a constituir uma práxis que supere a antiga separação entre o corpo e a mente, a razão e a emoção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C. S., RICHTER, S. R. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, Santa Maria (RS), v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Práticas cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. BARBOSA, M. C. S. (consultora). Brasília: 2009.

_____. Parecer CNE/CEB n. 20/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. 2009.

DAVID, M., APPELL, G. **Lóczy, uma insólita atención personal**. Barcelona: Octaedro-Rosa Sensat, 2010.

FALK, Judit (org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Loczy**. São Paulo: J.M., 2004.

FALK, Judit (org.). **Lóczy, educación infantil**. Barcelona: Octaedro-Rosa Sensat, 2010.

FREITAS, Anita Viudes C.; PELIZON, Maria Helena. As contribuições da experiência de Loczy para a formação do professor de Educação Infantil. IN: ANDREETTO, V. E PAOLILLO, V. **Estudos e reflexões de Lóczy**. São Paulo: Omep/Unic, 2011. Disponível em: <http://plataformadoletramento.org.br/acervo-para-a-profundar/361/as-contribuicoes-da-experiencia-de-loczy-para-a-formacao-do-professor-de-educacao-infantil.html>. Acesso em: maio 2015.

PIKLER, Fundación Internacional. Álbum **Fotográfico e Informativo acerca del instituto** Pikler, Budapest.

TARDOS, Anna. Marian Reismann: relações. **Revista De La In-Fan-cia**. España: Asociación de Maestros Rosa Sensat, n. 42, marzo/abril, 1997. p. 12 – 17.

TARDOS, Anna. Las actividades dirigidas. In: FALK, Judith. **Lóczy, educación infantil**. Barcelona: Octaedro-Rosa Sensat, 2010.